

## ESBOÇO DA EMANCIPAÇÃO FEMININA: A MULHER RETRATADA NA OBRA A VIÚVA SIMÕES

Luciana Bárbara de Queiroz Vieira  
José Antonio de Souza (UEMS)

**RESUMO:** Nossa proposta de trabalho contempla a escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e sua obra *A viúva Simões*, cuja primeira edição foi publicada em forma de folhetim, em 1895; de forma romanesca em 1897 e reeditada apenas em 1999. Dona Júlia, como era conhecida na virada do século XIX para o século XX, muito contribuiu com a literatura e o ambiente cultural de sua época, entretanto, ainda é uma autora que merece ser mais prestigiada pela crítica acadêmica. Se hoje temos uma visão diferenciada do papel da mulher na sociedade, diferentemente da visão que se tinha em séculos anteriores, é graças às lutas incansáveis de mulheres que se colocaram à frente de seu tempo expondo-se à crítica sem receio algum. Na literatura brasileira, há pouco tempo, observa-se a preocupação no sentido de se estudar a escrita de autoria feminina e, de acordo com alguns estudiosos, observamos a presença de três fases distintas na tradição literária de autoria feminina em nosso país: a primeira como fase de imitação dos valores e padrões em voga (fase feminina); a segunda como fase de protesto contra os valores vigentes e em defesa dos direitos e dos valores das minorias (feminista); e a terceira como a fase da autodescoberta, ou seja, da busca pela própria identidade (fêmea). Utilizando um escopo teórico pautado nos estudos culturais e na crítica acerca da escrita de autoria feminina, para além de valorizarmos a produção de Júlia Lopes de Almeida, concentramos nossa análise na personagem principal da obra em questão, Ernestina, e procuramos, por intermédio da abordagem da personagem, discutir a fase dita feminina da literatura brasileira.

**Palavras-chave:** Júlia Lopes de Almeida. Escrita feminina. Literatura.

### Introdução

Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida nasceu em 24/09/1862, no Rio de Janeiro, e morreu em 30/05/1934 na mesma cidade. Passou parte da infância em Campinas - SP. Casou-se com o poeta português Filinto de Almeida e seus filhos, Afonso Lopes de Almeida, Albano Lopes de Almeida e Margarida Lopes de Almeida, também se tornaram escritores. Também conhecida como Dona Júlia, a escritora foi considerada "primeira dama" da *Belle Époque* brasileira. A autora iniciou sua carreira literária como jornalista, em Campinas, em 1881, e seus primeiros livros de contos e romances foram publicados em Lisboa e exportados para o Brasil. A escritora foi abolicionista e republicana, além de mostrar, em suas obras, idéias feministas e ecológicas, com posicionamentos, muitas vezes, à frente de seu tempo.

Com uma linguagem leve e simples, cativou seu público, escreveu e publicou mais de 40 volumes entre romances, contos, narrativas, literatura infantil, crônicas, poesias, ensaios, traduções para o francês, conferências, peças de teatro e artigos. Sua obra foi conhecida em países hispano-americanos, europeus e nos Estados Unidos. Com o reconhecimento do público, foi então convidada pra trabalhar em várias editoras, sendo que seu primeiro livro - *Traços e Iluminuras* - foi publicado aos 24 anos, em Lisboa. Antes disso já publicara artigos na imprensa, tendo sido uma das primeiras mulheres a escrever para jornais, colaborando com a *Tribuna Liberal*, *A Semana*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Ilustração Brasileira*, entre outros. Com Filinto de Almeida escreveu, a quatro mãos, o romance *A Casa Verde*.

Em introdução à obra *A Viúva Simões*, na edição de 1999, o segundo romance de Dona Júlia, publicado originalmente em forma de folhetins pela *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1895, Peggy Sharpe relata o fato de Júlia Lopes de Almeida ser a primeira escritora que atingiu o status de autora, o que lhe conferiu espaço na Academia Brasileira de Letras. Apesar do contato com os primeiros imortais, Dona Júlia não se tornou um deles. A imortalidade foi concedida ao esposo e poeta Português Filinto de Almeida, impedindo assim a presença da escritora ao lado dos pares masculinos que compunham a Academia.

Na segunda metade do século XIX, houve a instauração da República no Brasil; com isso tivemos a consolidação de uma burguesia, devido à abertura de mercados que geração de capitais, dando às cidades um ar mais moderno. Neste contexto Júlia Lopes de Almeida escreve a obra *A Viúva Simões* (1897), nosso objeto de interesse, romance que nos oferece um panorama urbano, mostra o papel que a mulher exercia naquele período repleto de transformações. Mais que isso, a escritora representa a escrita feminina em uma época que poucas mulheres tinham espaço social, especialmente considerado o cenário literário. Se hoje as mulheres ocupam todos os espaços do cenário social, o mesmo não ocorria à época em que viveu Júlia Lopes de Almeida.

Segundo Sharpe, na introdução da obra que estamos analisando, Almeida retrata em sua obra a contradição que a mulher educada aos moldes da sensibilidade romântica representa à sociedade, sendo esta

representação vista como uma ameaça ao sucesso da nova sociedade. Essa ameaça era vista pelo fato de as mulheres que estavam sendo educadas nesses moldes (mais modernos) poderem estar despreparadas para exercer a missão de esposas, donas de casas e principalmente a de mãe responsável pela formação dos cidadãos do futuro. Ainda de acordo com Sharpe, Almeida vê e acredita que a mulher representa o centro dessa sociedade sendo responsável pela reforma educacional, política e social, fazendo com que a família seja o centro de sua obra onde.

Segundo Eisenhart<sup>1</sup> a circulação de idéias e correntes européias na elite carioca já havia ocorrendo desde a colonização, porém na época da República estas correntes e idéias ganharam mais força. Segundo a autora, a realidade é transportada sensorialmente para a ficção, caracterizando o meio social, onde a cidade reproduz todas as sensações e emoções humanas. Para Eisenhart, pode-se encontrar o naturalismo presente na representação racial das personagens sendo este elemento responsável pelo comportamento moral de seus personagens, porém não poderíamos caracterizar a escrita de Almeida como Naturalista; interessa-nos especialmente o destaque dado à figura feminina na obra da escritora.

A moda do século XIX proporcionava à mulher o ato de se tornar atrativa, sensual, considerando o erótico na relação é fato de chamar a atenção para toda parte do corpo mantendo-se assim sempre viva a chama da sedução e da sensualidade. O espaço e os afazeres domésticos não eram tidos como espaços para a sedução, mas o meio público, ou seja, as festas, os saraus os bailes esses sim eram ambientes propícios à sedução, pois nesses ambientes as mulheres se permitiam vestir roupas provocantes para mostrar seus corpos que eram sempre cobertos pela roupa na vida cotidiana. A sensualidade na viuvez também era vista pela sociedade como uma ameaça; dessa forma a viúva Simões representava uma ameaça para a sociedade patriarcalista e moralista da época. O corpo feminino é tido na obra de Almeida como uma representação da diferença social das mulheres durante o período da *Belle Epoque*, com intuito de uma construção social.

---

<sup>1</sup> Eisenhart, Vânia. Primeira Dama-Tropical: A cidade e o corpo feminino na ficção de Júlia Lopes de Almeida, editado por University of California Los Angeles no site: [www.studentgroups.ucla.ed](http://www.studentgroups.ucla.ed).

### Estudos Culturais e a escrita feminina

Os Estudos Culturais são uma vertente, na teoria literária, que trabalha com a diversidade dentro de cada cultura e sobre as diferentes culturas, sua multiplicidade e complexidade. São, também, estudos orientados pela hipótese de que entre as diferentes culturas existem relações de poder e dominação que devem ser questionadas.

'Viva a diferença' e 'abaixo o universalismo' parecem ser as novas palavras de ordem em uma época que se convencionou chamar pós-moderna, como se tudo tivesse ultrapassado o contemporâneo. Nesse novo momento, a cultura, com maiúscula, é substituída por culturas no plural. O foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou religiosas. (CEVASCO, 2003, p. 24).

O que se tinha como conceito de cultura até a década de 1960 se transformou e no caso das questões relacionadas às mulheres, as alterações foram mais intensas a partir do feminismo. A escrita feminina, até mesmo nos dias atuais, é caracterizada por conflitos sociais e lutas pelo poder, dessa forma, a relação que se estabelece entre a literatura e os movimentos sociais estão diretamente ligados às diferenças de classe social, raça, cor e sexo, e tais temas são retratados por escritoras que lutaram contra todo tipo de discriminação à mulher.

Os movimentos feministas foram ganhando espaço na sociedade e suas lutas foram constantes e responsáveis por várias mudanças na sociedade; entre tantas, foi conquistado o direito ao voto, o crescimento das oportunidades de trabalho, garantia de igualdade salarial, direito ao divórcio, a guarda dos filhos, ao controle do próprio corpo em questões relacionadas à saúde, o direito ao uso de métodos contraceptivos, o direito pela licença maternidade e até mesmo o aborto dependendo da situação.

Podemos observar tanto na história da literatura brasileira como em literaturas estrangeiras que, em muitos casos, a publicação das obras de várias autoras só ocorreu após suas mortes; é o caso da poeta Emily Dickinson que, apesar de ter escrito cartas, romances e poemas, somente no ano de 1800 alguns de seus textos tornaram-se públicos; toda sua obra foi somente editada postumamente e, então, a autora foi reconhecida e agraciada pelos críticos.

Se hoje temos uma visão diferenciada do papel da mulher na sociedade, diferentemente da visão que existia nos meados do século XIX, é graças às lutas incansáveis das mulheres que se colocaram à frente de seu tempo, expondo-se à crítica sem receio algum.

Somente na década de 1970 é que o feminismo se consolidou e, a partir de então, vários estudos procuraram valorizar a mulher e seu papel social. No caso da escrita feminina, costuma-se dividir tal produção em três fases: a feminina, a feminista e a fêmea. Dentro destas fases da tradição literária de autoria feminina, Zolin (2005) distingue-as da seguinte maneira: a primeira, como fase de imitação dos valores e padrões em voga; a segunda como fase de protesto, contra os valores que regiam a sociedade e em defesa dos direitos e dos valores das minorias; e a terceira como a fase da autodescoberta, ou seja, a busca pela própria identidade.

Até pouco tempo atrás, a mulher muitas vezes era vista apenas como um suporte à vida dos homens; sua função era quase que totalmente dedicada às tarefas domésticas. Mas graças aos movimentos feministas iniciados durante o século XIX, esta postura veio decaindo ao longo de cada década. Devido a vários movimentos relacionados à emancipação feminina, as mulheres conquistaram seu espaço no mundo literário, dessa forma suas produções ganharam destaque no mundo das letras e vem crescendo cada dia mais; de fato, é uma engrenagem em pleno desenvolvimento.

No Brasil toda essa consistência nos estudos que relacionam a mulher e a literatura ganhou os primeiros moldes através de um grupo de trabalho intitulado "a mulher na literatura", realizada pela associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Letras e Lingüística a ANPOLL, em Curitiba no ano de 1986.

Ao longo de várias reflexões acerca do trabalho científico feminino, a crítica tem tentado resgatar obras de autoria feminina e, assim, tem buscado evidenciar autoras do século XIX, pois podemos notar que apenas as autoras que se iniciaram após a semana de arte moderna em 1922 são destacadas pela maioria dos críticos e estudiosos da literatura brasileira. "Cabe a crítica feminista o trabalho de resgate das obras invisíveis pela mediação crítica oficial; mas esse trabalho deve ser mais crítico do que feminista, para que

represente uma real contribuição à historiografia literária." (XAVIER, 1999, p. 21).

Na busca pela inserção da mulher na sociedade tivemos várias rupturas tanto sociais, como culturais o que até então, imperava nos estudos literários eram os cânones escritos por homens, considerados como tradicionais, que muito foi destacado e estudado, sendo até, adotado como modelo de escrita, mas a crítica feminista entendendo a necessidade cultural de romper tais pensamentos e posicionamentos, despertando então na sociedade literária a necessidade de resgatar e mostrar as produções femininas e suas características, que muito tem contribuído para a nossa literatura. O preconceito masculino em relação à literatura de autoria feminina no cânone tradicional aconteceu tanto no Brasil, como no exterior.

Na obra, A história da literatura brasileira, de Lúcia Miguel Pereira, publicada em 1950, crítica que se fez reconhecer no 'estrito círculo dos literatos masculinos', refere-se apenas a Júlia Lopes de Almeida, certamente por não considerar que as demais escritoras da época tenham participação na formação da identidade nacional ou, simplesmente, por considerar suas obras inferiores em relação àquelas modelares dos 'homens letrados'. (ZOLIN, 2005, p. 276).

Podemos observar, no trecho acima, o preconceito anteriormente citado: mesmo tendo destacado Júlia Lopes de Almeida na obra publicada em 1950, não existia apenas Júlia, mas ela é parte de um grupo de escritoras, embora pouco estudadas, e citadas no campo literário, que abrilhantaram a literatura brasileira. Essas escritoras só tiveram suas obras publicadas postumamente, sendo então reconhecidas e agraciadas pelos críticos. Mais tarde, surgiram outras publicações de autoras como: Raquel de Queiroz e Cecília Meireles que após terem sido reconhecidas, abriram as portas das editoras para outras autoras; mas é com Clarice Lispector que se forma a tradição para a literatura da mulher no Brasil e muitas ganharam espaço na tão famosa Academia Brasileira de Letras Lígia Fagundes Teles e Nelida Piñon, Marina Colassanti, entre outras. Nos dias atuais muitos estudiosos possuem a preocupação em resgatar a produção literária feminina do século XIX e início do século XX, dando mais visibilidade à escrita feminina.

A literatura que é ensinada amplamente hoje inclui textos de mulheres e de membros de outros grupos historicamente

marginalizados. Quer acrescentamos a cursos tradicionais de literatura quer estudados como tradições separadas ('literatura asiático-americana', 'literatura pós-colonial em língua inglesa') esses textos são freqüentemente estudados como representação da experiência e portanto da cultura das pessoas em questão (nos Estados Unidos, dos afro-americanos, asiático-americanos, americanos nativos latinos dos Estados Unidos, assim como das mulheres). (CULLER, 1999, p. 54).

Tal tema já fora discutido por teóricos literários dentro do campo dos estudos das culturas e identidades culturais, que dão importância aos estudos relacionados a grupos étnicos, imigrantes e principalmente às mulheres, ou seja, o estudo de grupos considerados marginalizados por teóricos e críticos, especialmente no passado.

### **A mulher retratada na obra de Júlia Lopes de Almeida**

Falar da mulher enquanto ícone, nos meados do final do século XIX início do século XX, poderia ser salientar antes de tudo que a mulher tinha como característica principal ser dona de casa, restringindo-se a isso e às vontades do marido, porém na narrativa de Almeida essa impressão ganha novos olhares, pois o papel que a mulher representa na obra traz algumas diferenças do padrão vigente.

Naquela época as mulheres eram educadas sob os códigos da sensibilidade romântica e com a alteração desses valores, elas representavam uma ameaça à sociedade, pois elas não estavam preparadas para a missão de ser esposas e mães dos futuros cidadãos; isso traz um questionamento sobre tal situação que estava por desenvolver uma grande problemática para com a sociedade. Tal situação nos leva a ver as limitações das mulheres, sendo elas mães e donas de casa, o que na obra em questão podemos observar no início da narrativa que a função da mulher da época era servir à casa e à família, vejamos.

Apesar de moça e de rica, a viúva Simões raras vezes saía; dedicava-se absolutamente à sua casa, um bonito chalet em Santa Tereza. Vivia sempre ali; inquirindo, analisando tudo num exame fixo, demorado, paciente, que exasperava os seus cinco criados: a Benedita, cozinheira preta, ex-escrava da família; o Augusto, copeiro, francês, habituado a servir só gente de luxo; a lavadeira Ana, alemã, de rosto largo e olhos

deslavados; o jardineiro João, português; homem já antigo no serviço, e uma mulatinha de quinze anos, cria de casa, a Simplicia, magra, baixa, com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terríveis. (ALMEIDA, 1999, p.35-36).

Como podemos notar a função de Ernestina era cuidar da casa e da filha, e isso era suficiente para ocupar todo o dia dela, pouco freqüentava a sociedade enquanto casada e, após a viuvez essa atividade se tornou praticamente escassa.

Com o desenrolar da narrativa podemos perceber que esse papel de dona do lar e de mãe extremosa pode ser visto como uma tentativa de colocar a educação feminina no centro dos problemas sociais visto que todo o fracasso familiar era de total responsabilidade da mulher, pois a ela competia o papel de conservar os bons costumes e a paz, a harmonia e o amor no lar.

Por ser uma obra escrita em tal processo, a autora poderia obedecer a tal padrão e isso ocorre de fato, porém apenas no início da narrativa, pois no desenrolar da trama a mulher sofre algumas mudanças em seu comportamento, o que leva a obra a ser questionada não só como uma representação do que ocorria, mas como uma representação do que era omitido em termos literários. Para comprovarmos tais mudanças faz-se necessário observarmos o que levou Ernestina com toda a sua característica primeira a se mostrar como uma mulher muito a frente do que ela representa no início da narrativa e o que se espera dessa personagem que parece em primeiro momento pouco surpreender o leitor.

O papel da mulher na obra Almeidiana está relacionado ao poder da mulher enquanto ser humano composto de sentimento, capaz de se modificar diante situações que lhe convém e não simplesmente que venha a ser obrigada, trazendo assim uma nova perspectiva de comportamento da mulher e seu papel na sociedade; também é mostrar que tais escolhas não são meramente por capricho, vaidade, protesto, de fato é mostrar que a mulher pode sim participar da sociedade e de sua formação econômica, social e política sem deixar de lado o papel materno e o de esposa.

Como já vimos, Ernestina era uma mulher forte, capaz de tudo para se sentir realizada como mulher, mas esse desejo não a faz ser vista como uma mulher fútil, em busca de diversão, de amores passageiros, pelo contrário:



após a morte do comendador Simões ela apenas reencontrou seu antigo amor, Luciano. Ernestina de fato usa da sensualidade para seduzir; o desejo de ser novamente amada por Luciano foi o responsável pela revelação da mulher que estava escondida no íntimo de Ernestina, que desejava ser amada:

O caráter de Ernestina ia-se transformando rapidamente. Depois da visita de Luciano, ela passou uns dias muito sombria e ríspida, indignada consigo mesma contra as idéias que lhe iam nascendo como rebentões novos em tronco maduro, diversas em tudo das antigas, que se despegavam como folhas secas... Enraivecia-a a lembrança da sua fraqueza e condescendência, deixando Luciano recordar coisas perigosas... Ah! se pudesse voltar atrás recomeçar todo o tempo da visita, como se faria impassível, serena e austera! (ALMEIDA, 1999, p.75).

O amor fez com que Ernestina mudasse seu comportamento de mulher conservadora, dona de casa, cheia de princípios, valores, de fato ela estava mudando seu comportamento como qualquer outra mulher da atualidade, porém para a época em que romance foi escrito/publicado, esse comportamento era visto como uma temeridade, uma afronta à sociedade, o que hoje para todos nós é uma atitude natural - a mudança de comportamento de uma mulher. Daí o motivo pelo qual a obra Almeidiana ser considerada uma obra forte e plenamente atual.

Temos duas mulheres presentes na obra: uma como já vimos é Ernestina mulher forte, determinada e a outra é Sara, filha de Ernestina. Sara mostra ao leitor ser uma mulher mais conservadora, mais próxima dos padrões vigentes que atribuíam às mulheres e dada a educação recebida pela família, era frágil, doce e obediente, porém jovem e bonita, o que despertava em Ernestina uma espécie de inveja. Sara não tem a mesma fibra da mãe, que luta pelo que quer é capaz de tudo; pelo contrário, ela aceita a dor da perda, não luta pelo o que quer, ou seja, representa uma mulher cujo comportamento era devido à educação familiar. Enquanto Sara representa tal papel, Ernestina já mostra a outra face, vejamos no trecho o comportamento da viúva e sua determinação no que deseja para sua vida e a justificativa que a mesma faz por ter tal comportamento.

- Olha para mim! Não imaginas o sacrifício que tenho feito para te esconder este amor! E ele é tão velho em meu coração! Quando eu te gerei, quando te sentia nas minhas entranhas ou que te suspendia no meu seio, ele já palpitava em mim, com o

mesmo fogo, com a mesma violência!(...) - E hás de ser tu, minha filha! quem me roube a ventura com que desde menina sonho! Sara eu sou uma louca! Ah! Na minha idade as paixões são assim, levam a estes desatinos! Como é cruel a velhice!... como tu és feliz, minha Sara! (ALMEIDA, 1999, p. 166-167).

No entanto, como mãe, podemos observar que quando Ernestina vê o sofrimento da filha, adoentada, o sentimento materno fala mais alto, fato que poderia ser lido como oscilação, entretanto, também pode ser lido como um conflito extremamente atual; se por um lado as mulheres conquistaram cada vez mais espaço social, por outro, alguns papéis continuam a exigir uma postura mais tradicional:

Quando a noite chegava, era horrível! Via-se sozinha; a filha parecia-lhe, às vezes, moribunda, outras vezes morta. Então tinha medo de se chegar à cama, arrastava-se de joelhos e rezava ao retrato do marido como rezaria a uma imagem sagrada. Ela era a culpada e tudo! O remorso juntava-se à dor. Agora a sua felicidade seria ver Sara feliz. O seu amor era um crime! Pedia perdão a Deus, prometendo-lhe altares de ouro se ele salvasse Sara! Naquela noite Ernestina estava mais agitada do que nunca. O cansaço físico juntava-se à fadiga e tortura moral. Ela revoltava-se contra o corpo, sentindo por vezes vacilar-lhe a vista e a razão. (ALMEIDA, 1999, P. 176).

Ernestina se mostra tão forte e determinada a ponto de nos surpreender a cada página; no final do romance quando achamos que ela mostrou tudo, de novo a personagem nos surpreende como mãe, pedindo a Luciano que a deixe viver com sua filha e vá embora, ou seja, novamente a personagem revela uma atitude materna muito mais forte; ela é capaz de renunciar à própria felicidade, dado o arrependimento.

Se lermos a trajetória da personagem Ernestina como alguém que sucumbe aos padrões da época, certamente a personagem poderá se apresentar como uma personagem comum; no entanto, se empreendermos uma leitura de como a personagem enfrentou a viuvez e lutou por sua emancipação, o que vem à tona é um conflito extremamente atual e, assim, temos já no século XIX capaz de representar vários conflitos femininos; tal fato, queremos crer, muito se deve à escrita feminina, ou seja, o universo feminino apresentado por Júlia Lopes de Almeida não se limita a futilidades apresentadas por outros escritores, particularmente escritores do sexo masculino.

## Considerações Finais

Podemos afirmar que o papel da mulher na obra *A Viúva Simões* é fundamental para a discussão da educação feminina dada às mulheres da época, assim como observar a forma que Júlia Lopes de Almeida coloca a personagem Ernestina nessa trama, a fim de mostrar de fato que uma mulher embora dona de casa e viúva, mesmo naquela época, também poderia amar e vivenciar conflitos pouco apresentados por outras obras publicadas na época.

Mesmo que as consequências tenham sido trágicas para a personagem, o que poderia ser visto como uma espécie de punição, a consciência da personagem feminina, que toma em suas mãos as rédeas de seu destino, é fator de maior relevância. Assim é que Ernestina não abandona Luciano em nome de um padrão social, uma vez que ela já havia quebrado tal padrão, nem mesmo esse abandono ocorre simplesmente em nome do amor materno; a opção da personagem ocorreu mais em função da busca de sua própria felicidade.

Tentamos, com o presente trabalho, valorizar a produção literária da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida, que viveu em uma época bastante significativa para a sociedade brasileira: a virada do século XIX para o século XX. A escritora, apesar de todo o trânsito acadêmico que possuía, não fez parte da Academia Brasileira de Letras, entretanto, alguns críticos reconhecem o papel cultural de D. Júlia, em sua época.

Observou-se que a personagem feminina principal do romance *A viúva Simões*, Ernestina, rompe com alguns padrões sociais impostos às mulheres de sua época e que a autora conseguiu, com sua produção, retratar não apenas o universo feminino em particular, mas a própria sociedade brasileira e carioca da época.

Dessa maneira destaca-se, ainda, a necessidade de mais estudos que contemplem a produção literária da autora e, da mesma forma, de outras mulheres, especialmente as que produziram em uma época em que as mulheres possuíam pouco espaço no meio literário.

**Referências**

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Viúva Simões*. Florianópolis, SC: Mulheres, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo, SP: Boitempo, 2003.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo, SP: Beca, 1999.

ZOLIN, Osana Lúcia. Literatura de autoria feminina. In:\_\_\_\_\_. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá, PR: Eduem, 2005.

XAVIER, E. Para além do cânone. In: RAMALHO, C. (Org.) *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro, RJ: Elo, 1999.